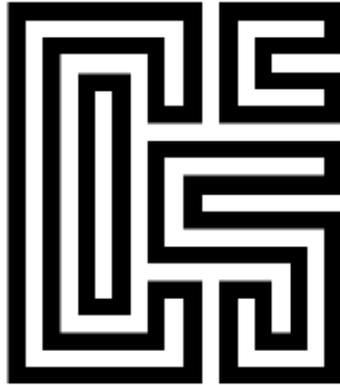


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

Vítimas de um bombardeio de imagens. E da violência.

Norval Baitello Jr

O comunicólogo Norval Baitello Jr. explica como a visibilidade a qualquer preço imposta pela sociedade – e pela mídia – rouba a “alma” das pessoas. E contribui para tornar o mundo mais violento 25/7/99

Imagem e violência, duas palavras aparentemente distantes mas profundamente conectadas, mais do que habitualmente estamos acostumados a pensar. Esta é a opinião do comunicólogo e coordenador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da

Mídia na PUC/SP, Norval Baitello Júnior, que prepara uma série de encontros com especialistas europeus – o sociólogo e filósofo alemão Dietmar Kamper e o pensador da comunicação e jornalista espanhol Vicente Romano – e lança seu terceiro livro *Memória dos Materiais – Materiais da Memória*, pela Annablume, neste segundo semestre.

As outras obras de sua autoria são *Dadá-Berlim. Desmontagem* (83), uma arguta análise sobre o movimento dadaísta ocorrido no início deste século, e *O Animal Que Parou os Relógios* (97), que trata, numa reunião de pequenos textos independentes, de fenômenos da comunicação e da mídia, como o da flexibilização do tempo.

“O nosso relógio anda muito mais lentamente, no sentido de que colocamos em 80 anos de vida muito mais coisas do que os nossos avós colocaram em 80 anos. Criamos um outro relógio simbólico no qual cada segundo é preenchido com milhares de informações. É diferente a nossa maneira de lidar com o tempo”, explica.

Atual diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC/SP, foi o responsável também pela abertura, neste ano, de um novo curso, que foge das listas habituais ofertadas pelas faculdades brasileiras. *Comunicação e Artes do Corpo* reúne num mesmo lugar disciplinas como dança, teatro e performance. “É tudo isso ao mesmo tempo. Afinal, quando andamos estamos dançando. Quando falamos, de uma certa maneira estamos fazendo teatro.” Nessa perspectiva heterodoxa, o curso quer trazer à tona a expressividade escondida em cada um de nós. Nesta entrevista ao JT, Norval Baitello Jr. discute as estreitas relações entre imaginário e violência, o bombardeio contínuo de informações e o papel desagregador de certas mídias.

JT – A violência de hoje é diferente da violência de outros tempos?

Norval Baitello Júnior – Hoje é diferente porque mudou o mundo e, a rigor, as pessoas deveriam ter melhores condições de vida e de trabalho. Mas o que se pode verificar é que ela não se manifesta somente nas regiões pobres. Ela se dá, também, em larga escala e de maneira brutal, surpreendentemente chocante, inesperada, nos países muito ricos, onde as crianças de classe média vivem no conforto e estão provocando atos de violência gratuita. A violência mudou, sim. A sociologia clássica fala que é a fome que provoca a violência. É claro que a fome tem o seu papel, mas não é só isso. Partimos do pressuposto de que onde indivíduos e grupos geram violência é porque estão também recebendo violência. E sob que forma? É esta a primeira pergunta que moveu o centro de pesquisa da PUC/SP, o de Sevilha e o de Berlim, a estudar o tema da violência no seu fluxo, enquanto um processo cultural e comunicativo.

JT – Qual é o mecanismo da violência atual?

Acreditamos que a violência religiosa medieval, a violência entre tribos africanas, entre tribos indígenas, por exemplo, tudo isso já foi suficientemente estudado e compreendido. Mas a violência moderna não foi devidamente estudada. A constatação clássica, que também tem seu lado verdadeiro, de que a violência é gerada pela fome, pela falta de trabalho e educação, pela precariedade das condições de vida, não é mais suficiente. Desemprego, falta de comida, falta de condições de habitação são violências. E isso gera violência. Falta de tempo dos pais, que gastam quatro horas no transporte público e deixam as crianças sozinhas, também é uma forma de violência. Mas o que nós queremos estudar agora são as raízes de uma outra violência, que esse modelo

não dá mais conta. De uma violência que é cometida por pessoas que não foram submetidas a esse tipo de violência, em sociedades ricas.

JT - Qual é a conexão entre imagem e violência? Elas estão juntas ou uma precede a outra?

Uma das características mais fortes que marcam o nosso tempo é o da visibilidade. Todo mundo quer seus cinco minutos de fama. É um fenômeno absolutamente atual, iniciado no começo deste século e acentuado após 1945 com o advento de técnicas refinadas de propaganda e marketing, que buscam a visibilidade a qualquer custo. Sem considerar aí os princípios e a tolerabilidade da quantidade de imagens que atingem uma pessoa durante o dia. Mas não são somente imagens visuais. São também imagens acústicas e conceituais porque imagem é a palavra grega que gera imaginação. Podemos, então, considerar que existe uma imagem visual, acústica e também a projeção dessas imagens que dentro da nossa mente geram outras imagens. Qual seria o papel da imaginação e do imaginário que a nossa sociedade está gerando e se esse imaginário tem algum grau da violência que presenciamos hoje?

JT - Qual seria seu ponto de vista?

Não só meu mas de todos os pesquisadores que participaram de um encontro em Berlim, em janeiro deste ano, é de que a imagem, e o imaginário, que a nossa sociedade está distribuindo entre as pessoas é a grande responsável, tanto pela violência física quanto pela violência simbólica dos dias atuais. Um tipo de imaginário que está sendo distribuído pelas instituições da comunicação – rádio, televisão, jornal, pela comunicação interpessoal, pelas empresas, pela propaganda e pela moda. Todas as instituições mediáticas estão cultivando um imaginário e

este imaginário é que acaba sendo ele próprio uma violência sobre as pessoas, exige visibilidade a qualquer preço e para que ela ocorra rouba a vida das pessoas. Podemos dizer potencialmente que ela rouba a alma das pessoas.

JT - Isso exigiria das pessoas um estado constante de atenção?

Sim. Para a própria visibilidade e disponíveis para a visibilidade dos outros. Como se nunca dormíssemos e estivéssemos sempre em prontidão, em vigília, esperando quando o outro estará visível ou quando o outro não vai estar visível para que eu esteja. É como aquela expressão adolescente “eu quero aparecer”. E por querer aparecer deve-se estar muito atento e aproveitar ao máximo todas as oportunidades. Isso conduz a um comportamento agonístico. Sabemos, pela biologia e etologia, que as espécies muito agonísticas são obrigadas a um maior tempo de prontidão e vigília. As que não são agonísticas podem relaxar e dar um tempo maior porque não correm o risco de serem atacadas. Estamos gerando, assim, toda uma sociedade agonística, pelo tipo de conjunto de imagens que cultivamos.

JT - É possível localizar o origem disso tudo? Onde nasce realmente esse cultivo?

É o que estamos tentando compreender. Visibilidade tem a ver com visão. No momento em que o sentido da visão prevalece sobre os outros sentidos e começa a ter um status excessivamente maior do que o tato, o olfato, o paladar, e, sobretudo, a própriocepção – a percepção de si mesmo – temos um desequilíbrio. Se valorizássemos o tato tanto quanto valorizamos a visão teríamos uma sociedade profundamente diferente. Se houvesse um equilíbrio entre tato e visão, não teríamos comunidades com milhões de pessoas. Teríamos comunidades menores ou grupos

nucleares menores, nos quais a proximidade seria mantida pelo sentido do tato.

JT - O sentido do tato seria uma das saídas contra a violência?

Seria uma das possibilidades de reequilibrar-se com o sentido da visão. A hipertrofia da visão dispensa o resto do corpo e a proximidade. É o sentido da distância. Mesmo o olfato é também o sentido da proximidade. Cheiramos quando estamos próximos. Mas você vê quando se está longe. O corpo não precisa tocar para sentir e se comunicar. Esse “não precisar se tocar” significa uma perda do conceito do corpo e da territorialidade. Essa perda da territorialidade leva à falsa idéia de que qualquer atentado contra esse corpo não causará nenhum tipo de dano. Se você não está acostumado a tocar e ser tocado, não desenvolve no seu senso social a percepção de que o outro também tem um corpo, sente dor e sente vínculo afetivo por meio da proximidade. O conceito de distância nasce na imaginação: nela, nós estamos perdendo nosso corpo. Tudo isso começa na situação mais nuclear, nas famílias que hoje são compostas de pai e mãe que trabalham e de crianças que passam o dia nas escolas. A possibilidade de contato físico, mesmo dentro de uma unidade mínima como a família, é cada vez mais remota. Todos estão cansados e, então, a reunião passa a ser um evento insuportável.

JT - Podemos afirmar, então, que a distância nos arma e a proximidade nos desarma?

Exatamente. Aquilo que é proximidade no núcleo familiar acaba sendo uma guerra porque as pessoas estão estressadas depois do exercício na rua da distância. A visão se hipertrofia em função da necessidade de se mostrar para sobreviver dentro de uma sociedade extremamente agonística.

JT - Você não acha que as engenhocas da teleinformática – como a Internet e o videogame – são elementos que exacerbam esse distanciamento dos corpos?

Acho porque são contribuições dentro de um quadro evolutivo em que o sentido de distância vem ganhando cada vez mais espaço em nossas vidas. Quanto mais ocupa o sentido da distância, menos espaço sobra para o sentido de proximidade.

JT - O que é a Semiótica da Cultura?

Para começar, vamos explicar o que é semiótica: é uma ciência que trabalha com todos os códigos da comunicação. Ela procura entender como funcionam as linguagens, que são muitas: a do cheiro, a dos gestos, a dos movimentos, a das roupas. Existem infinitas linguagens com as quais se comunicam indivíduos com grupos, grupos com grupos, ações com pessoas, épocas com épocas. A semiótica tem por objetivo estudar as linguagens e seu funcionamento. A Semiótica da Cultura, por sua vez, é uma das escolas que procuram privilegiar os processos comunicativos sociais e históricos e, sobretudo, os processos culturais; aqueles processos que começam com a arte e vão até todas as manifestações inventadas pelo homem. A Semiótica da Cultura se restringe no espaço criado pelo homem, que é um espaço comunicativo social e histórico. Toda a cultura é necessariamente histórica. Ela tem suas raízes e, por isso, a Semiótica da Cultura se preocupa em buscar as raízes dos processos comunicativos, como, por exemplo, de onde vem o fato do homem contar histórias, que tem suas raízes nas narrativas que se faziam à beira das fogueiras.

JT - Quem é o animal que parou os relógios? Como ele fez isso?

O animal que parou os relógios é justamente o homem. Com sua maneira complexa e criativa de lidar com o tempo, ele conseguiu fazer com que aquilo que nós consideramos a concepção mais trivial do tempo — o tempo cronológico, o tempo de vida — fosse multiplicado. O tempo de vida nosso é muito mais saturado de informação do que o tempo de vida de nossos avós. Metaforicamente podemos dizer que nós paramos os relógios: o ponteiro anda tão devagar a ponto de nos permitirmos, dentro de um segundo, encher o tempo com milhares de coisas, da nossa própria produção e de estímulos externos.

JT - Do que trata seu novo livro 'Memória dos Materiais – Os Materiais da Memória'?

É um livro que trabalha com a semiótica dos materiais, como por exemplo a água, o fogo e determinados símbolos como a pedra e o asfalto. Que vida semiótica têm esses materiais? Veja o caso do asfalto: ele povoou nossas cidades de tal maneira que passou a ganhar um sentido associado à própria cidade; a água, ao contrário, fugiu das cidades, e ela corre somente nos subterrâneos de lugares como São Paulo, que não tem fontes. Por que as nossas cidades se envergonham da água? Trata também dos materiais da moda: o que significam o tecido, o couro e o sintético? Cada uma dessas coisas significa uma pele. No momento em que vestimos uma roupa, vestimos uma pele e, portanto, estamos teatralizando um determinado material, estamos dando vida a esse material.

JT - Você acha que o percurso da moda e do consumo ainda é verticalizado de cima para baixo?

Esta é uma das questões muito importantes que se amarra com as duas primeiras: a da violência e da visibilidade. Acho que não há nada errado no mecanismo da moda, que é um mecanismo cultural porque a cultura vive de manutenção, de raízes e de inovação. Ela tem um duplo vetor: de história e de futuro. A moda precisa de invenção. Mas a vida também precisa. O próprio Freud disse: 'sem novidade não há gozo'. O que acontece é que no grande sistema de consumo de massa – como o de uma determinada roupa ou de um eletrodoméstico – a indústria e a produção têm interesse que haja consumo em larga escala, exigindo, por sua vez, que uma grande escala de pessoas tivesse poder aquisitivo para comprar. Mas isso não acontece nos lugares mais pobres. Esta é a leitura clássica do fenômeno da violência: existe um excesso de persuasão para que a pessoa compre e uma ausência ou não correspondente oferta de condições econômicas e de vida para que se possa comprar, gerando aí um monstruoso descompasso. As pessoas ficam impossibilitadas de romper esse déficit, a não ser pela transgressão destrutiva e pela violência, pela perda de convivência comum e do respeito com as normas e a conseqüente perda da ética.

JT - Na sua opinião, qual é o veículo mais poderoso que alimenta essa falta ou ausência?

Ainda é, de longe, a televisão, que se diversificou em redes a cabo e se segmentou para poder atender um número maior de pessoas a um custo relativamente baixo. Ela é ainda a mais forte na distribuição do imaginário e, por isso, quando é feita por instituições poderosas, funciona como um tipo de pasteurização. E a televisão é o sentido de distância por

excelência. É uma mídia que exige dupla operação: o que transmite e o que recebe, o que codifica e o que decodifica.

JT - Você é a favor de um código de controle da televisão?

Do jeito que está não dá para continuar. Os padrinhos e as madrinhas eletrônicas estão preocupados apenas em amealhar suas grandes fortunas, não importa a que custo para os seus receptores. Estão promovendo uma devastação social e quando isso se dá na televisão é especialmente grave. Se houvesse um pouco de equilíbrio entre ganhar dinheiro e a preocupação com o destino das pessoas que estão recebendo essa quantidade de imaginário, teríamos com certeza um quadro essencialmente diferente da mídia e também um quadro da convivência humana e da solidariedade.

JT - Como surgiu a idéia do Curso de Comunicação e Artes do Corpo?

A idéia surgiu da necessidade de estarmos resgatando o sentido da proximidade. Quando a escrita surgiu, ela possibilitou o sentido da distância. A fala que eu escrevo numa pedra pode ser lida daqui há cem anos. No curso preparamos profissionais bem fundamentados, tanto prática como teoricamente, para trabalharem o sentido da proximidade. O curso é dirigido a artistas e comunicadores corporais, ou seja, para as pessoas que serão fotografadas, videografadas, as pessoas que falam em público, dão palestras e exercem cargos de chefia, entre outras atividades.

Marcos Bragato, especial para o JT Imagem e Violência – Encontros com Dietmar Kamper, Vicente Romano e Norval Baitello Jr. na Pontifícia Universidade Católica, na segunda quinzena de agosto.

Jornal da Tarde